

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

SAMIRA PIZOLIO CURI

**O MEDO E A MORTE: REAÇÕES POPULARES
DURANTE AS PANDEMIAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

BAURU
2021

SAMIRA PIZOLIO CURI

**O MEDO E A MORTE: REAÇÕES POPULARES
DURANTE AS PANDEMIAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

Monografia de Iniciação Científica realizado pela aluna Samira Pizolio Curi apresentado à Coordenadoria Geral de Extensão do Centro Universitário Sagrado Coração sob a orientação do Prof. Me. Fábio Paride Pallotta, vinculado ao Centro de Ciências Humanas do Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru/SP.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C975m	<p>Curi, Samira Pizolio</p> <p>O Medo e a Morte: reações populares durante as pandemias no início do século XX / Samira Pizolio Curi. -- 2021. 34f. : il.</p> <p>Orientador: Prof. M.e Fábio Paride Pallotta</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Morte. 2. Medo. 3. Pandemias. 4. Periódicos. I. Pallotta, Fábio Paride. II. Título.</p>
-------	--

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

DEDICATÓRIA

Dedico está pesquisa a todos que perderam entes queridos em razão de doenças, pandêmicas ou não. Que o tempo os conforte e cure.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Centro Universitário Sagrado Coração por oferecer a oportunidade de realização de pesquisas a partir de diferentes programas de Iniciação Científica.

Agradeço, especialmente, ao Me. Fábio Paride Pallotta, por ter aceitado ser meu orientador na Iniciação Científica. Agradeço por todo o conhecimento que o senhor transmitiu, todo auxílio, apoio e tempo doado para a realização desta pesquisa. Sem a orientação do senhor não seria a historiadora que sou hoje.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte da minha vida, por causa de vocês eu tenho certeza que seguir para a docência é o que desejo.

Um agradecimento especial à minha avó paterna que sempre me apoiou na decisão de cursar História e nunca me abandonou. Por fim, agradeço aos meus amigos, que sempre me apoiaram, auxiliaram e apararam em momentos de ansiedade e insegurança, e nunca me permitiram desistir.

Resumo

O medo é uma característica natural do ser humano, é o que nos mantém em alerta diante de situações de emergência. Quando esse sentimento vem acompanhado da morte, especialmente em períodos de crise sanitárias, ele ganha força. Esta pesquisa teve como objetivo investigar o medo, em especial o medo da morte, e as reações populares diante de pandemias do início do século XX por meio de periódicos e levantamento bibliográfico. Durante o estudo, foi observado que as concepções e as formas de lidar com o medo e a morte alteram-se de acordo com os acontecimentos e as vivências experimentadas pelo indivíduo.

Palavras-chave: Morte; Medo; Pandemias; Periódicos.

Abstract

Fear is a natural characteristic of human beings, and it keeps us alert in emergencies. When this feeling is accompanied by death, especially in a health crisis, it gains strength. This research aimed to investigate fear, especially the fear of death, and people's reactions to pandemics in the early 20th century based on journals and other bibliographic sources. During the study, it was observed that the conceptions and the ways men deal with fear and death change according to the events and experiences the individual faces.

Key-words: Death; Fear; Pandemics; Periodicals.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
2.MATERIAIS E MÉTODOS	12
3.RESULTADOS.....	12
4.DISSCUSSÃO DO RESULTADO	13
4.1 O MEDO E A MORTE	13
4.2 <i>O ESTADO DE S. PAULO E O BAURÚ: PERIÓDICO COMO FONTE.</i>	14
4.3 PANDEMIAS – INIMIGO INVISÍVEL.....	15
4.4 VARÍOLA – A GRANDE REVOLTA	16
4.5 GRIPE ESPANHOLA – A MÃE DAS PANDEMIAS.....	21
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6.FONTES.....	31
7.REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

A morte é algo natural, é parte do ciclo da vida do ser humano, mas há muitos que a temem. Segundo Delumeau (2009, p. 23) o medo faz parte do ser humano, um senso de defesa e proteção do organismo. Ao considerar tal instinto é possível afirmar que cada indivíduo trata o medo, em especial o medo da morte, do desconhecido, de formas diferentes e pessoais.

Porém, quando a morte acontece em períodos de graves crises sociais como guerra, fome e epidemias, torna-se um elemento perturbador à sociedade. Diante da 'indesejada' desaparecem os ritos, as atitudes sociais modificam-se, levando à instabilidade das normas. As visões do apocalipse integram-se no imaginário social, instalando nas cidades o medo às epidemias, colaborando na desagregação social. (SANTOS, 2006, p.136)

A presente pesquisa dedica-se a analisar as diferentes formas de lidar com o medo da morte e o cotidiano popular durante momentos de crise na saúde. Ao enfrentar momentos de tensão os valores e a moral dos cidadãos se alteram, e a maioria das formas de sociabilidade são interrompidas.

Em momentos de pandemia o pânico toma conta da sociedade, de acordo com Souza (2009), em uma análise sobre a Influenza de 1918, as autoridades públicas tomam medidas para negar ou minimizar sua gravidade enquanto as autoridades sanitárias espalhavam que o pânico fragilizava o organismo além de vulnerabilizar o indivíduo, ou seja, tentativas de manter o controle social. Diante desse pavor medidas profiláticas caseiras e pouco eficazes faziam parte do cotidiano da população, como remédios que prometiam a cura. Orientações dadas pelas autoridades durante a Gripe Espanhola:

As prescrições feitas pelos serviços médico-sanitários de diferentes partes do Brasil, para que fossem evitadas as aglomerações e contatos mais íntimos, como beijos e apertos de mão, bem como para práticas higiênicas fossem intensificadas, descambaram entre muitos indivíduos para o medo exacerbado 'do outro'. Até mesmo roupas e sapatos usados, mesmo que devidamente limpos, causavam medo e repugnância. (BERTUCCI, 2009, p. 465)

O 'outro', o 'inimigo' era o culpado pela epidemia, eram aqueles que traziam a morte, grupos sociais menos favorecidos muitas vezes foram condenados, interpretados como castigos divinos (DELUMEAU, 2009, p.204), entretanto, mediante doenças com alto grau de contágio 'o outro' não é mais um grupo, qualquer pessoa pode levar consigo a doença, todos eram culpados pela

catástrofe. (BERTUCCI, 2009, p.465)

A questão religiosa está muito presente no imaginário popular, o castigo divino, “castigo dos deuses contra os pecados cometidos pelos homens. [...] a doença não distinguia estratificação social” (SANTOS, 2006, p. 132) era uma das explicações para as epidemias. A representação da morte durante a Peste Negra (séc. XIV) foi retomada, a Dança Macabra, a Morte levando os humanos, estava presente novamente. As interrupções dos ritos de sepultamento causavam ainda mais pavor, corpos deixavam de serem velados e eram colocados em grandes valas, o sepultamento, o luto representava, para a comunidade uma passagem tranquila para a vida eterna. (SANTOS, 2006, p.137)

Entretanto, enquanto alguns ficavam confinados em suas casas outros aproveitavam a vida antes da morte iminente, entregavam-se aos prazeres da carne além de tirarem proveito dos mais sensíveis à situação, segundo Bertucci (2009, p.464)

Homens e mulheres, aparentemente, desprovidos de sensibilidade e respeito, embrutecidos pelas proporções da epidemia de gripe espanhola, tornaram-se parte da triste realidade vivida pelos brasileiros durante a vigência da moléstia. Vários foram aqueles que procuraram tirar proveito financeiro com a doença, muitas vezes explorando vizinhos ou conhecidos [...].

Portanto, de acordo com Filho (2009) observa-se que atrelado as doenças epidémicas vemos a pandemia do medo, ou seja, o medo se alastrando pela população tão ou mais rápido que a doença propriamente dita.

Deve-se destacar que a história da humanidade sempre foi marcada pelas doenças e pandemias. Eram acontecimentos sem explicação, no início, e assumiam diversas formas, completamente assustadoras. Desde as pragas bíblicas do Egito, até vírus e bactérias vindas de várias partes do mundo, doenças e pandemias mostravam periodicamente suas faces através da cólera, varíola, tifo, peste bubônica, influenza e outras pestes que circulavam pelo mundo saindo de lugares definidos e se deslocando, muitas vezes com o auxílio do próprio homem, para outras localidades próximas ou distantes.

No Brasil, há ênfase para a malária, febre amarela, peste bubônica, e, em escala regional, temos a leishmaniose tegumentar, conhecida como úlcera de Bauru. Nesta pesquisa serão analisadas as grandes pandemias de varíola e gripe espanhola.

A varíola teve início na Antiguidade, quando os primeiros povos domesticaram animais, sua origem é desconhecida, não se sabe ao certo se nasceu em solo africano ou asiático, mas este mal flagelou a humanidade até a

segunda metade do século XX. (UJVARI, 2020, p. 135). A “Mãe das Pandemias”, como ficou conhecida a pandemia de gripe espanhola teve seu início nos Estados Unidos em um momento de grande tensão internacional; o clima de terror proporcionado pela Primeira Guerra Mundial facilitou o alastramento e disseminação da doença, vitimizando mais de vinte milhões de pessoas. (Sondhaus, 2015, p.400)

É importante salientar o uso da mídia (jornais) para a manipulação dos dados, por exemplo, amenizar o número de casos registrados de Varíola e Gripe Espanhola nas diferentes épocas afim de conter o pânico e caos, disseminação de informações sobre higiene, receitas caseiras e milagrosas, dicas de prevenção, entre outras. Afinal, a sensação de segurança era a principal forma de contenção.

No tocante da utilização dos jornais como fonte de pesquisa histórica, a historiadora Tânia Regina de Luca, em seu capítulo *História dos, nos e por meio dos periódicos.*, do livro *Fontes Históricas*, descreve muito bem como utilizar tais fontes. O uso dos periódicos para o estudo da História deu-se no final do século XX com a terceira geração dos Annales, ou seja, dentre as mudanças propostas estava a alteração da concepção de documentos. Tal fonte nos permite analisar o cotidiano da época, a “história imediata”, como a autora chama, uma vez que, no caso dos jornais, as notícias circulam com facilidade e rapidez.

Porém, há cuidados que devem ser tomados ao valer-se de tal fonte, uma vez que, em sua maioria, são tendenciosas a mostrar somente o que uma determinada classe deseja, tornando assim “[...], mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2005, p.116), cabe ao pesquisador realizar a análise crítica do conteúdo estudado.

Os periódicos analisados nesta pesquisa são *O Estado de S. Paulo*, atual *O Estadão*, e *O Baurú*. De acordo com Pontes (2004, p.1) o jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado em 1875 sob a nomenclatura *A Província de S. Paulo*, sendo o mais antigo dos jornais do estado ainda em circulação, durante os períodos estudados se opunha ao sistema eleitoral do voto aberto. O jornal *O Baurú* foi criado no ano de 1906, de circulação semanária e alterava seus ideais conforme a política local vigente (PALLOTTA, 2008, p.11)

Em face disso, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar, por meio de periódicos e revisão bibliográfica, as reações populares diante das pandemias de Varíola e de Gripe Espanhola e seus objetivos específicos são examinar os periódicos *O Estado de S. Paulo* e *O Baurú* nos anos de 1904 e 1918; identificar as

reações populares, meios de prevenção, cotidiano e relações pessoais diante das doenças citadas; e investigar o medo da morte durante períodos de crise na saúde.

Portanto, a pesquisa mostra-se relevante por examinar como o ser humano é impotente diante de algo que ele desconhece e não pode controlar, no caso da presente pesquisa, as doenças e a própria morte.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este projeto fundamenta-se na abordagem de pesquisa quali-quantitativa, uma vez que, segundo Fonseca (2002, p. 20) a união das abordagens qualitativa e quantitativa proporcionam maiores informações do que tratadas separadamente, portanto, tal abordagem torna-se a mais apropriada para a presente pesquisa.

Parte fundamental da pesquisa foi a análise dos periódicos *O Baurú* e *O Estadão* acerca das pandemias de Varíola, dando destaque a Revolta da Vacina ocorrida em 1904, e de Gripe Espanhola em 1918, além do levantamento bibliográfico sobre as referidas doenças, o medo, a morte e as reações social durante tais períodos.

A pesquisa foi elaborada em quatro partes; a primeira sendo a apresentação dos periódicos e seu uso enquanto fonte de pesquisa; a segunda parte deu conta da caracterização das pandemias citadas, serão apresentadas a contextualização do período, o perfil das moléstias; a terceira se dedicou as exposições das doenças nos periódicos e o discurso midiático produzido; e a quarta parte investigou a representação social diante do medo e presença da morte.

3. RESULTADOS

Para a elaboração da presente pesquisa foram utilizados os periódicos *O Estado de S. Paulo*, atual *O Estadão*, e *O Baurú*. Durante a análise do periódico *O Estado de S. Paulo* no ano de 1904, notou-se recortes ao longo de todo o ano a respeito da varíola e sua vacinação, havendo enfoque para a capital da República, cidade do Rio de Janeiro, local onde a doença estava se agravando.

Entre os resultados da análise do periódico no ano de 1918 observou-se que o *Estado de S. Paulo* relatou desde o início do surto de gripe espanhola, mas a doença só ganhou destaque quando brasileiros foram vitimados em Dakar, atual capital do Senegal. Durante o mês de outubro as notícias a respeito da gripe foram intensas, medidas profiláticas e a situação em diferentes cidades do país ocupava as páginas do jornal, entretanto a partir de novembro as notícias passaram a ser

repetitivas, informando o número de infectados no país e auxílios prestados por diferentes instituições. Uma vez que o periódico *O Baurú* foi fundado no ano de 1906, não foi possível analisar o período de 1904. Ao longo do estudo do periódico do ano de 1918 é percebe-se que não há muita diferenças entre as notícias do jornal *O Estado de S. Paulo*, mas o semanário adota um discurso mais apaziguador afim de acalmar a população

Por meio do uso do periódico enquanto fonte de pesquisa, em relação à varíola percebeu-se a necessidade de relatar a gravidade da doença e os conflitos entre os apoiadores e opositores da vacinação obrigatória; a respeito da gripe espanhola, constatou-se que em um primeiro momento, os recortes eram misturados com as informações sobre a guerra corrente, após a doença chegar em solo brasileiro o medo fica evidente nas páginas dos periódicos, uma vez que medidas preventivas e o aumento dos números de casos e discursos de boa conduta são constantes.

Mediante revisão bibliográfica as pandemias se deram no início da República, período de péssimas condições sanitárias, fome e alta mortalidade que afetavam principalmente a população periférica, sendo assim, cenário que tornou favorável a proliferação de doenças, circunstâncias essas que combinadas com as características de transmissão de ambas as viroses incindiram em altos números de contágio.

Uma vez que finalizada a análise da fonte do ano de 1904, foi verificado que a representação do medo da morte não dizia a respeito da moléstia em si, e sim da vacina e sua aplicação “absurda” visto que a humanidade convive com a moléstia há milhares de anos, outro fator que perpetuou este medo foi a falta de informações e desconfiança popular em relação a ciência.

Já no estudo das fontes do ano de 1918, percebe-se que o medo vem do desconhecido e do incontrolável, no caso, o vírus de influenza. Diante de tantas mortes, mudanças no cotidiano e despreparo do governo para enfrentar uma pandemia a população encontrava-se aterrorizada e desassistida.

4. DISCUSSÃO DO RESULTADO

4.1 O MEDO E A MORTE

O medo é uma característica natural do ser humano, é o que nos mantém em alerta diante de situações de emergência. Entretanto, quando o medo vem

acompanhado da morte outros sentimentos vem à tona, como angústia, ansiedade e melancolia, visto que o homem se da conta da efemeridade da vida, fragilidade do corpo e mortalidade. Como afirma Delumeau (2009, p. 30)

No sentido estrito e estreito do termo, o medo (individual) é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação.

A maneira como o homem vê e lida com a morte altera-se dependendo do contexto no qual está inserido, vivências e etapa do desenvolvimento que se encontra (Martins, 2013 p.21), bem como o grau de afinidade com o falecido, assim, a morte e o luto são experiências pessoais e individuais.

Embora a morte esteja presente na “...ordem dos acontecimentos das ‘coisas naturais’, que irremediavelmente ocorre” (Cunha, 2010, p.186) entende-se que nunca se está preparado para enfrenta-la. Quando acontece de forma repentina, como a morte por doenças, é tratada com espanto e anormalidade, algo que aconteceu antes de seu devido tempo, como aponta Ariès (2014, p.13) a morte súbita marca uma maldição.

Em questão das pandemias, apesar de estarem presentes na história da humanidade e fazerem aparecimentos periódicos, não deixam de espalhar o medo, o terror e, conseqüentemente, a morte.

Assim, quando uma doença já está presente no meio social, a população já está acostumada com os seus males, apesar do medo constante, mas com a longa permanência ou o surgimento de uma peste nova e desconhecida o sentimento de insegurança e impotência ganham força. Segundo Delumeau (2009, p. 23) “a necessidade de segurança é, portanto, fundamental; está na base da afetividade e moral humanas. A insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo de vida.”

Compreende-se que o medo, em especial o medo da morte, é inerente à sociedade moderna. Apesar da morte ser inevitável, há a necessidade de escondê-la e retardá-la e é mais facilmente aceita quando ocorrida de “causas naturais”. Quando se faz presente de maneira repentina e em massa, como em períodos de crise sanitária, a população acaba se rendendo ao desalento ou a loucura.

4.2 O ESTADO DE S. PAULO E O BAURÚ: PERIÓDICO COMO FONTE.

A indústria jornalística foi, e ainda é, um importante veículo de circulação de informações e opiniões, como tal, produz um discurso que possui como característica sua não-neutralidade, como sugere Leite (2015, p. 5):

...a imprensa não apenas interfere nas questões políticas, mas em diversos setores da vida social, na articulação e disseminação de ideias, valores, referências, memórias, ideologias, modos de pensar e agir em sua historicidade, o que a torna uma fonte inesgotável de pesquisa e estudo.

O jornal enquanto fonte de pesquisa oferece múltiplas interpretações, “O documento histórico é raramente “dócil”, “aberto” ou “fácil”.” (Pinsky, De Luca, 2009, p.17), portanto, cabe ao historiador questionar seu objeto de pesquisa e analisá-lo de maneira crítica, de acordo com Guilherme (2018, p.201) “Em tais pesquisas, o olhar do historiador, além de saber como os fatos ocorreram, analisa como esses fatos foram percebidos, noticiados, resignificados e narrados pela imprensa.”

Para tanto, o historiador deve ter em mente que o jornal não é apenas um veículo disseminador de informações e ideais, mas uma empresa que por sua vez visa a venda de informações e opiniões, que por meio de seu impacto social influencia posicionamentos acerca dos acontecimentos correntes:

Contudo, tal exercício de vigilância não é isento de tensões e pode ser considerado como uma função de natureza pública, desempenhando, muitas vezes, papel fundamental em prol dos interesses da sociedade civil. Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. (Martins, De Luca, 2006, p.11)

Neste sentido, o historiador que se debruçar sobre os periódicos terá um trabalho interminável de interpretações e visões que diferentes jornais dispõem sobre um mesmo fato, desse modo não apenas compreendendo o discurso e seu impacto na sociedade, mas também as inclinações e intenções dos jornais enquanto instituições capitalistas.

4.3 PANDEMIAS – INIMIGO INVISÍVEL

Uma vez que a presente pesquisa busca analisar o medo e a presença da morte em momentos de pandemias, cabe uma breve descrição de o que é uma epidemia e uma pandemia.

Uma epidemia, como define Carvalho, Pinho e Garcia, no livro *Epidemiologia: conceitos e aplicabilidade no Sistema Único de Saúde* (2017, p. 32 e 33), é a ocorrência de um grupo de doenças similares que excedem a expectativa comum, enquanto pandemia é a expansão geográfica de uma epidemia, afetando

múltiplos países.

As doenças infecciosas tendem a proliferar em ambientes propícios ao contágio, como em ambientes insalubres, a população encontra-se exposta a más condições de vida. Um dos meios de transmissão dos vírus seria a própria globalização, o contato com povos de diferentes localidades auxiliam no alastramento da doença. O domínio do Homem sobre a natureza também seria um dos meios de transmissão de doenças infecciosas até então desconhecidas, fato que dificulta seu controle e possibilitando sua expansão em nível global.

Entretanto, "...escalas globais não significam *universalidade* da experiência da doença, tampouco seus efeitos."(Marques, Silveira e Pimenta, 2020, p.232), ou seja, as moléstias tomam proporções divergentes devido aos diferentes ambientes expostos, bem como afetam a população de múltiplas maneiras, sendo de maior risco para grupos específicos, entre eles, pessoas idosas, pessoas com condições adversas de saúde, gestantes, crianças menores de 5 anos e pessoas marginalizadas pela sociedade, de acordo com Bittencout (2020, p.172):

A pandemia sempre afeta violentamente favelados e pessoas em situação de rua. Não podemos desviar a consciência para o fato que incontáveis seres humanos se encontram em condições extremamente insalubres que tornam praticamente impossível para elas realizar os cuidados sanitários fundamentais. Pessoas sem saneamento básico decente, pessoas que dormem ao relento, pessoas socialmente desassistidas, são como bucha de canhão nos surtos pandêmicos. O vírus, expressão de uma microscópica força incontrolável da natureza, não segue ideologias, mas seus impactos maléficos são potencializados pela própria ideologia da sociedade capitalista.

Portanto, a pandemia como ampliação geográfica de uma epidemia pode alcançar uma escala global, porém não será sentida da mesma forma nas diferentes populações e ambientes. Nem todos estarão preparados para enfrentar um inimigo invisível como os vírus, mas as pessoas formadoras do grupo de risco sempre serão as mais prejudicadas pelas doenças.

4.4 VARÍOLA – A GRANDE REVOLTA

A varíola é uma antiga conhecida da humanidade, causada pelo vírus *Orthopoxvirus variolae*, a doença proliferou quando os povos antigos iniciaram a domesticação de animais, não se sabe se a doença nasceu em solo africano ou asiático, porém, ao final do século XVIII, a varíola se encontrava em todo o planeta (Ujvari, 2008 p.135 e 137), revelando seu caráter pandêmico. Sua transmissão é feita pelo contato com pessoas infectadas e tem como sintomas febre alta, mal-

estar, dores musculares e pústulas cheias de líquido que se espalham por todo corpo, podendo o infectado ficar com cicatrizes durante toda a vida. (Schatzmayr, 2001, p.1527), devido a formações dessas pústulas também ficou conhecida popularmente como “Bexiga”.

Após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 a capital do Rio de Janeiro fica em destaque em relação ao restante do país, sendo assim, vê-se a necessidade de modernizar a cidade, como explana Sevcenko (2003, p.40) há um “anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante das demandas de novos tempos”, sendo assim, em 1903, inicia-se a reforma no centro do Rio de Janeiro, voltada para os casarões coloniais, os quais eram ocupados pela população marginalizada:

Era preciso, pois, findar com a imagem da cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude plantada bem no seu âmago, vivendo no maior desconforto, imundice e promiscuidade, pronta para armar barricadas as vielas estreitas do Centro ao som do primeiro grito de motim. (Sevcenko, 2003, p. 41)

População essa que era constituída por ex-escravos, uma vez que a Abolição da Escravatura ocorreu em 13 de maio de 1888, mesmo assim, ainda eram tratados como inferiores, e o restante da população pobre que foram excluídos da vida política da República. Essa resistência da República em permitir o usufruto da cidadania causou um grande desencanto e desânimo por parte da população (Carvalho, 1987, p. 56).

Diante da situação do Rio de Janeiro, o presidente Rodrigues Alves nomeia uma equipe constituída pelo prefeito da cidade e engenheiro Pereira Passos para a reurbanização, o engenheiro Lauro Müller para a reforma portuária e, por fim, o médico sanitário Oswaldo Cruz para o saneamento, tendo em vista que o Rio era um epicentro de doenças, entre elas: malária, tuberculose, lepra, tifo, em especial, varíola e febre amarela (Sevcenko, 1998, p.22 e 23), tal reforma era tratada como uma “regeneração” da cidade, para tanto, foi instaurada a política quase ditatorial do “bota-abaixo”, assim os antigos casarões coloniais foram demolidos para dar espaço e vida a Belle Époque fluminense.

O médico sanitário Oswaldo Cruz, juntamente de Vital Brasil, Aldolfo Lutz e Emílio Ribas eram alguns dos maiores nomes da ciência médica do período. Nascido em agosto de 1872, Oswaldo Cruz se formou em medicina em 1892 e foi para Paris estudar no Instituto Pasteur no ano de 1896. Retorna ao Brasil em 1899 e em 1902 é nomeado por Rodrigues Alves como diretor do Departamento Geral de Saúde Pública, assumindo a reforma sanitária da cidade do Rio de Janeiro em

01 de abril de 1903. (Bueno, 2020). O trajeto de erradicação de doenças seguido por Oswaldo Cruz iniciou-se com a febre amarela, em seguida a peste bubônica e, por fim, a varíola. (Carvalho, 1987, p. 94)

As transformações ocorridas na capital do país são refletidas na imprensa, visto que o jornal *O Estado de S. Paulo* publicava diversas notícias em múltiplas seções, tendo destaque em duas seções quase que independentes, *Telegrammas*, seção a qual reportava notícias recebidas por telegramas do dia anterior do jornal publicado, e *Jornaes do Rio*, sendo transcrições de notícias de jornais fluminenses: *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhan*.

Ao longo de todo o ano de 1904 vê-se notícias a respeito da varíola, havendo, principalmente ocorrências acerca do número de óbitos, sendo, em sua maioria, superiores a 50 casos.

Em 05 de março de 1904 foi noticiado, na seção *Jornaes do Rio*, retirado do jornal *Gazeta de Notícias*, o agravamento da doença na capital e a determinação do Congresso de que a vacina não é obrigatória, mas deverá ser feita propaganda a seu favor¹, posteriormente, em 23 de junho novamente o *Gazeta de Notícias* denuncia o agravamento da varíola e culpa esse aumento pela falta de obrigatoriedade da vacina². Na próxima semana, em 28 de junho, por meio da seção *Telegrammas*, é relatado que o médico e senador alagoano Manuel Duarte apresentou um projeto de obrigatoriedade da vacinação em todo o país, porém não houve números para ser aberta a votação³.

No dia 02 de julho, a seção *Telegrammas* discorre sobre a conferência que Oswaldo Cruz teve com o ministro do interior e declara que é impossível acabar com a varíola sem a instauração da vacinação obrigatória, a respeito da obrigatoriedade da vacinação:

No Brasil, o uso da vacina contra a varíola foi declarado obrigatório para crianças em 1837 e para adultos em 1846. Mas essa resolução não era cumprida, até porque a produção da vacina em escala industrial no Rio só começou em 1884. Então, em junho de 1904, Oswaldo Cruz motivou o governo a enviar ao Congresso um projeto para reinstaurar a obrigatoriedade da vacinação em todo o território nacional. Apenas indivíduos que comprovassem ser vacinados conseguiriam contratos de trabalho, matrículas em escolas, certidões de casamento, autorização para viagens etc⁴. (Agência Fio Cruz de Notícias, 2005)

¹ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.226, 05/03/1904, p.1.

² O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.335, 23/06/1904, p.1.

³ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.340, 28/06/1904, p.1.

⁴ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.344, 02/07/1904, p.1.

Na edição publicada em 02 de agosto, seção Jornaes do Rio, no Correio da Manhan, Gil Vidal, “pseudônimo do coeditor Leão Velloso Filho” (Garzoni, 2011, p. 171) denuncia que os inspetores sanitários não fazem a desinfecção adequada durante as visitas as casas, ou seja, são os inspetores sanitários que estão levando a doenças a todos os bairros fluminenses⁵. É evidente que o principal foco das visitas sanitárias, e da doença, são os bairros periféricos nos quais amontoavam-se a população que fora expulsa no centro da cidade, fato este que fica claro na edição de 12 de agosto, seção Telegrammas: “Todos os subúrbios e parte da cidade estão impestados de varíola.”⁶.

Devido a forte oposição a vacina contra varíola foi publicado em 15 de agosto, na seção Movimento Associativo, uma nota emitida pela Sociedade de Medicina e Cirurgia:

E é uma simples symbiose que H. Roger attribue o efeito da vacina contra a varíola: diz elle que o organismo na varíola é invadido pelos micróbios pyogenes – sobretudo pelos Staphylococcus – e que a vaccina reforçando o organismo (sem explicar como) contra estes micróbios secundários evitará a supuração e, desta arte, o vírus da varíola, sosinho, daria uma moléstia benigna – sem complicação. A vaccina actua contra o micróbio e não contra a toxina.⁷

Entretanto, tal nota não conseguiu estabelecer uma comunicação com o público, os termos técnicos utilizados de difícil compreensão somados a desconfiança na ciência não acalmou a população diante dos “perigos da vacina”, tendo em vista que a vacina era proveniente do líquido de pústulas de vacas acometidas pela varíola bovina e que, nesse período, a maioria da população era analfabeta, e as informações corriam de forma oral, havia um boato de que, após a vacinação, a pessoa ficava com feições bovinas. (Agência Fio Cruz de Notícias, 2005).

Após meses de luta a favor e contra a vacinação obrigatória em 31 de outubro 1904 foi aprovada a lei da obrigatoriedade⁸, como foi noticiado na seção Telegrammas em 01 de novembro: “Foi sancionada a lei n. 1261 que extensiva a toda a República a obrigatoriedade da vaccina contra a varíola.”⁹, em 06 de novembro a mesma seção publica: “A reunião para a fundação da Liga Contra a Vacinação Obrigatória foi muito concorrida. Foram pronunciados discursos

⁵ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.375, 02/08/1904, p.1.

⁶ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.385, 12/08/1904, p.1.

⁷ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.388, 15/08/1904, p.1.

⁸ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9465, 31/10/1904, p.1.

⁹ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.466, 01/11/1904, p.1.

violentos. Grande massa de povo saía da reunião para percorrer as ruas da cidade aos gritos: “Morra a vaccina obrigatória!”¹⁰, no dia 9 de novembro foi publicado o plano de regulamentação da vacina obrigatória¹¹. Em 10 de novembro tem o início da revolta¹².

A população farta dos abusos sofridos ao serem discriminados, expulsos de sua moradia, desconfiados dos efeitos da vacina, veem sua liberdade de escolha arrancada de suas mãos e tem sua privacidade violada, como elucida Batista (2015, p.8) “A mentalidade da população estava refletida de moralismo. Para o homem comum, era inadmissível sua casa ser invadida por agentes do governo para tocarem suas mulheres e filhas nas coxas ou nádegas”, fica enfurecida e vai as ruas protestar contra o “regulamento absurdo”, sob os gritos de “Morra a Vaccina!” (O Estado de S. Paulo, 11 de novembro de 1904, p.1)¹³, diante de tamanha revolta, a ação da polícia foi ineficaz no sentido de conter os revoltosos.

As revoltas continuam a acontecer, como relata a seção Telegrammas do dia 13 de novembro: “Os ânimos continuam excessivamente exaltados, havendo continuas desordens, que provavelmente continuarão durante a noite.”¹⁴; dia 14 de novembro:

A cidade está em trevas. Os lampeões de todas as ruas centrais foram quebrados pelo povo. Foram virados e queimados diversos bondes de todas as companhias e destampados os boieiros. O povo hostiliza a polícia a tiros, pedradas e outros projectos atirados pelas janellas e telhados das casas¹⁵.

E no dia 15 de novembro:

A cidade apresenta um aspecto tristíssimo, de verdadeira praça de guerra. O commercio conserva as suas portas fechadas. Forças de cavalaria e infantaria percorrem todos os pontos da cidade. De vez em quando ouvem-se toques de clarins¹⁶.

Dessa forma, é possível compreender o quão forte era o sentimento de insatisfação da população e a incapacidade da polícia em reprimir a revolta, repressão essa que só obteve sucesso após a união de múltiplas forças militares, de acordo com Sevcenko em seu livro *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes* (2018, p. 31):

Como a força policial não dava conta da situação, passou a solicitar todos os reforços possíveis das tropas do Exército e da Marinha. Não foi suficiente. Precisou chamar as unidades do

¹⁰ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.471, 06/11/1904, p.1.

¹¹ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.474, 09/11/1904, p.1.

¹² O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.475, 10/11/1904, p.1.

¹³ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.476, 11/11/1904, p.1.

¹⁴ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.478, 13/11/1904, p.1.

¹⁵ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.479, 14/11/1904, p.1.

¹⁶ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.480, 15/11/1904, p.1.

Exército acantonadas em regiões limítrofes: fluminenses, mineiras e paulistas. Ainda assim não bastou. Teve de armar toda a corporação dos bombeiros e investi-la na refrega. Mas a resistência era tanta que precisou apelar para recursos ainda mais extremados: determinou o bombardeio de bairros e regiões costeiras por suas embarcações de guerra. Finalmente convocou a Guarda Nacional.

Finalmente, em 16 de novembro é revogada a lei da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola¹⁷ e em 18 de novembro, Telegrammas informa “Reina a calma completa na cidade.¹⁸”.

Sendo assim, Delumeau aponta, “As revoltas, variáveis em duração e em amplitude, constituíam então respostas tranquilizadoras a situações angustiantes.” (DELUMEUAU, 2009, p. 224). Conclui-se que o medo popular representado no jornal *O Estado de S. Paulo*, não era da doença em si, uma vez que a varíola era uma constante no cotidiano da capital da República, e sim, da vacina contra a varíola, seus efeitos “devastadores” e aplicação “absurda”; percebe-se, também, o medo do aumento na discriminação sofrida pelas camadas marginalizadas e o sentimento de impotência e insignificância diante do Estado e das elites.

4.5 GRIPE ESPANHOLA – A MÃE DAS PANDEMIAS

A Gripe Espanhola teve origem em Fort Riley, Kansas (Sondhaus, 2015, p.400) devido a mutação do vírus da gripe, culminando em uma das pandemias mais mortais da história:

Cerca de vinte milhões de pessoas morreram de uma gripe muito mais letal do que costumávamos presenciar. Alguns pesquisadores elevam o número de mortes para próximo dos quarenta milhões. Não era um vírus qualquer da gripe, era um vírus recém-criado e recém-entrado no organismo dos humanos. Como não estávamos habituados a ele, não apresentávamos defesa formada e necessária para evitar tamanha mortalidade. (Ujvari, 2020, p. 144)

Portanto, os sintomas da gripe espanhola se assemelhavam a uma “gripe forte”, entretanto, por se tratar de um vírus novo, não tínhamos nenhuma barreira de proteção contra o vírus da malesa. A moléstia recebeu diversas nomenclaturas, a mais famosa sendo Gripe Espanhola, em razão da neutralidade da Espanha durante a Primeira Guerra Mundial, permitindo que a imprensa noticiasse a proliferação da virose; outros nomes dados a doença foram “bailarina”, por mérito de que dançava e o vírus era dissipado facilmente, “gripe pneumônica”, “peste pneumônica e “grande influenza”. (Schwarcz e Starling, 2020, p. 25).

¹⁷ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.481, 16/11/1904, p.1.

¹⁸ O Estado de S. Paulo, anno XXX, nº 9.483, 18/11/1904, p.1.

Desenvolvida em um período de crise global, a gripe espanhola deve sua trajetória à Primeira Guerra Mundial, de acordo com Sondhaus (2015, p. 402):

É difícil imaginar que a pandemia tivesse atingido essas proporções se não fosse pela Primeira Guerra Mundial. Os acampamentos, navios de transporte de tropas, trincheiras e hospitais dos países em guerra serviram como incubadoras para o vírus, e o transporte de milhões de homens para a Europa e de volta para casa acelerou sua difusão mundial.

Ou seja, a condição de vida da população e dos soldados na Europa no período eram completamente insalubres, a fome, a sujeira e o medo reinavam. No Brasil, a República foi instaurada fazia apenas 30 anos e a sede por demonstrar um país desenvolvido e moderno fazia parte dos anseios do governo.

A presença da nova doença que se alastrava pela Europa não passou despercebida pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, no entanto, não era reportada como uma preocupação brasileira sendo divulgada junto das informações a respeito da guerra corrente nas seções Exterior ou A Guerra; mas, em 23 de setembro a seção A Guerra anuncia que membros da Missão Médica Brasileira foram vitimados em Dakar, no mesmo dia a seção Telegrammas noticia um telegrama vindo da capital, cidade do Rio de Janeiro:

Continua a subir o numero de victimas da epidemia denominada “Influenza hespanhola”. Além de sete casos fataes registrados a bordo do vapor “Demerara”, que há dias passou pelo nosso porto, demorando-se aqui dois dias, outros casos fataes registram-se da referida epidemia¹⁹.

Foi a partir do navio Demerara que a doença desembarcou no Brasil, realizadas escalas em Recife, Salvador e Rio de Janeiro, onde alguns enfermos teriam desembarcado (Bertucci, 2009, p.458), assim, inicia-se a dança da “bailaria” em terras brasileiras.

A demora das autoridades em reconhecer os perigos da espanhola e a não adoção de medidas profiláticas nos portos proporcionou o alastramento da doença por todo território brasileiro:

O mesmo poderia ser dito do Serviço de Profilaxia do Porto, que fazia parte da Diretoria de Saúde Pública. Como já sabemos, a seção não possuía recursos para realizar a desinfecção da totalidade das embarcações que aportavam na cidade, medida altamente necessária numa situação de crise epidêmica. Também não se aplicou uma política de quarentena nos navios, então avaliada como uma medida “antipática”, e que poderia acarretar problemas políticos, econômicos e sociais – nacionais e internacionais. (Scwarcz e Starling, 2020, p. 122)

Passados quatro dias, no dia 27 de setembro, em uma seção denominada

¹⁹ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.513, 23/09/1918, p.1.

A Gripe Hespanhola, foi comunicado a morte dos brasileiros vitimados pela doença em Dakar, assim com a chegada em Recife de novos enfermos que vieram a bordo do vapor Plauky, o diretor da Saúde Pública, Dr. Carlos Seidl, entrou em contato com um inspetor sanitário pernambucano, o qual comunica sua decisão de recolher os doentes em um hospital para isolamento²⁰. Já em 02 de outubro, a seção Telegrammas explana que a gripe já havia tomado conta da região nordeste do país, não era mais possível precisar o número de mortes, sabia-se apenas que já passavam da casa dos mil falecimentos²¹.

Assim, o mês de outubro abre com notícias constantes sobre novos infectados, em especial passageiros de navios que ao chegarem em solo brasileiros são imediatamente realocados para hospitais de isolamento, além de ser visível o aumento do número de mortos, assim, sendo necessário o fechamento dos cemitérios afim de evitar aglomerações, como publicado em 11 de outubro²².

A doença se alastrava rapidamente, mas a população menos abastada era a mais prejudicada. Em 13 de outubro, na seção Telegrammas o dr. Seidl retoma a necessidade de se evitar lugares cheios e com aglomerações e a necessidade da higiene para se evitar o contágio²³, após dois dias, 15 de outubro, o jornal publica em Notícias Diversas, subseção Gripe Hespanhola, uma lista de medidas e cuidados para a prevenção da doença:

A única medida real e eficaz para evitar o contágio é não estar em contato com qualquer doente infectado: não permanecer em aglomerações; não dormir em lugar cujo o ar não seja renovado e puro; não trabalhar em lugares confinados. A “gripe” adquire-se pela bocca ou nariz, razão pela qual é indispensável que se adoptem as seguintes medidas prophylacticas: 1.0 – Lavagem diária da bocca, fazendo-se gargarejos, com água simples ou composta com sal de cozinha; 2.0 – Lavagem das fossas nasaes, com água simples ou com agua boricada, devendo-se para isso se utilizar de um lenço embebido; 3.0 – antes e depois de qualquer refeição deve-se lava a bocca, com água pura ou com água oxygenada ou qualquer outro líquido desinfectante, Darkinm, etc; 4.0 – applicação do alcool com agua nas lavagens buccaes e nasaes, também é recomendável; 5.0 – deve-se evitar o contacto das mãos com as fossas nasaes; 6.0 – o uso do sal quinino na dosagem de 25 centigrammas, uma vez por dia; 7.0 – a vaccina contra varíola também determina a ação benigna da “gripe”, quando não a evita; 8.0 – as pessoas que preferem o systema homeopathico devem, em vez do quinino, uar “gelsemlum”: - uma gotta ou uma pastilha de manhan e a noite²⁴.

Muitos medicamentos utilizados não tinham eficácia comprovada contra a

²⁰ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.517, 27/09/1918, p.1.

²¹ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.522, 02/10/1918, p.4.

²² O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.531, 11/10/1918, p.5.

²³ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.533, 13/10/1918, p.5.

²⁴ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.537, 15/10/1918, p.5.

gripe. O sal de quinino, antitérmico e analgésico, era amplamente recomendado pela comunidade médica e pelo jornal para prevenir e tratar a doença, tomando uma ou duas colheres de manhã e de noite era possível fortalecer o sistema imunológico. Entretanto, esse remédio nada servia para debelar a espanhola, sua principal indicação era para o tratamento da malária e não deveria ser consumido em altas quantidades e sem recomendação médica. (Schwarcz e Starling, 2020, p. 138)

Os números de casos não paravam de subir, o pavor já tomava conta da população. A escassez de médicos e medicamentos, o superfaturamento das farmácias, a falta de assistência social e a descaso por parte do governo eram constantemente delatados no jornal. No dia 17 de outubro, na seção Tellegramas, subseção A Gripe Hespanhola, temos:

São numerosíssimos os casos de enfermos que ficam ao abandono sem uma intervenção médica, sem o menor remédio. Os clínicos não podem atender a todos os chamados por falta de material e de tempo. As pharmacias que ainda por um esforço supremo funcionam com suas manipulações também já não têm tempo nem material para aviar receitas e estas são recusadas. Dahi o vasto campo de propagando da enfermidade e da violência com que se apresentam alguns casos²⁵.

Diante da pressão pública, uma vez que sua gestão não estava obtendo os resultados esperados, o Dr. Carlos Seidl renuncia seu cargo em 18 de outubro, logo o Dr. Carlos Chagas assume seu lugar. No mesmo dia, na seção Telegrammas, subseção Gripe Hespanhola, o presidente eleito, Rodrigues Alves, discorre sobre o declínio da pandemia, fato que não se comprovava, uma vez que na mesma seção há a notícia do aumento dos números de casos em todo o país²⁶.

A comunidade médica frequentemente culpava a mídia pela onda de terror que assolava a população e discursavam sobre como o medo era um mal a ser combatido junto a doença. Em 19 de outubro temos duas subseções que tratam do medo, A Gripe Espanhola:

A epidemia tem sido, até agora, bastante benigna: o número de casos tem augmentado rapidamente, mas pôde-se dizer que sem gravidade alguma. O que de peor notamos, por emquanto, é o exaggero temor de muita gente, que só preoccupa demasiado com o mal: não fala de outra coisa, exaggera as notícias correntes e modifica todo o seu systema de vida á custa de cuidados excessivos. Ora, também esse temor, com essas preoccupações e essa brusca modificação dos hábitos, é um mal, que só pôde facilitar os estados mórbidos. Basta, como resistência á moléstia que vae grassando, tomar, com rigor, as poucas e fáceis precauções aconselhadas pelo Serviço Sanitário e pelos médicos da cidade. Quanto ao resto, não se preocupar e falar do morbo o menos que for possível, procurando manter em redor um

²⁵ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.537, 17/10/1918, p.4.

²⁶ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.538, 18/10/1918, p.4.

atmosfera de tranquilidade e confiança. Tão condenável é o desprezo completo das prescrições e conselhos que podem danos, quanto é lamentável e ridículo o exagerado temor, o nervosismo intenso de muitos²⁷.

E em O Mal é Benigno:

Communica-nos o sr. director de Serviço Sanitários, além de várias informações que hoje publicamos, o seguinte:

É da mais estricta necessidade que o povo não se deixe tomar de pânico, para o qual nenhum motivo exista actualmente.

O mal não apresenta gravidade e a administração danitária com os seus próprios elementos e as ofertas com que tem sido distinguida, está aparelhada para agir com efficiencia, estabelecendo os postos de socorros que forem precisos.

Seria também muito desejável que os estabelecimentos de ensino particulares acompanhassem os officiaes nas providencias que adoptaram²⁸.

Apesar de tais comunicados de contenção do medo e notícias de um possível declínio da pandemia não foram cessadas as divulgações de recomendações profiláticas e boa conduta em um momento tão delicado. Como discorre a seção A Epidemia Reinante, subseção Recomendações Úteis:

Não chamar medico sem motivo sério: poupar-lhe quanto possível as visitas reiteradas. É precisa não esquecer que os clínicos se acham com uma sobrecarga enorme de serviço, e muitos já vão se sentindo esgotados, tornando-se fácil presa da moléstia, que nelles põem assumir forma grave, devido ao cansaço.

Não se utilizar do telephone, emquanto durar a epidemia, senão em casos de real necessidade. Cessem as conversações inúteis. Do contrário, não haverá em breve telephonistas que bastem para o serviço e os prejudicados serão os enfermos e as famílias afflictas.

Não recorrer aos postos de socorro nem à assistência sem motivo sério. Tanto uns como a outra têm muito que fazer em favor dos que soffrem.

Os srs. pharmacêuticos e officiaes de pharmacia devem offerecer o seu auxilio ao Serviços Sanitário, quando disponham de tempo para isso.

As associações que têm médicos contractados devem organizar postos particulares para os seus sócios.

Disponha-se cada qual a reservar um pouco do que lhe sobra em benefício dos mais necessitados. Nada de dissipações e gastos inúteis.

Dar curso a notícias alarmantes não verificadas é desumanidade e indício de sentimentos baixos²⁹.

Em contraste ao grande número de notícias acerca da pandemia no mês de outubro, nos meses de novembro e dezembro houve uma grande repetição nos comunicados. Prevaleceu a seção Notícias Diversas, subseção A Marcha da Epidemia eram relatados os números de infectados e óbitos em diferentes cidades

²⁷, ²⁸, ²⁹ O Estado de S. Paulo, anno XLIV, nº 14.539, 19/10/1918, p.4.

do país, campanhas de solidariedade, endereços de postos de socorros, a situação que se encontravam os principais hospitais do país e auxílios oferecidos por diferentes instituições como as igrejas e a maçonaria.

O semanário *O Baurú* não deixou de relatar os males da doença. Devido a presença de bauruenses membros de uma família influente, Carlos Cariani, que lutou pela monarquia italiana, e José Cariani, que lutou ao lado do Brasil, o jornal deu grande destaque a Grande Guerra, como retrata a edição de 19 de maio de 1918, seção *Os Nossos Coteraneos*³⁰.

As notícias sobre a gripe espanhola iniciaram-se na primeira semana de setembro e seguiram quase como uma repetição das notícias do *O Estado de S. Paulo*, de forma a acalmar a população com dizeres de que a doença não passava de uma gripe como conhecemos, mas com os sintomas mais fortes, e com métodos de prevenção como cuidar da higiene e evitar grandes multidões.

Entretanto, da capa da edição de 27 de outubro, há a seção *A Gripe Entre Nós*, que delata o primeiro caso da influenza na cidade de Bauru. Destaca-se que, embora encontra-se na primeira capa, não é anunciado como uma grande manchete.

Na quarta feira última chegou a noite a esta cidade, atacado da gripe reinante, e vido da Capital do Estado o preto José Benedicto da Silva, sendo comunicado o caso a noite á Prefeitura Municipal pelo sr. dr. Castro Goyanna, médico nesta cidade. (...) A nossa administração municipal, embora desprovidas de recursos e numa situação financeira difficil está tomando todas as preccauições ao seu alcance para combater a moléstia, cuja propagação é difficil ou mesmo impossível evitar, mas que precisa ser constantemente vigiada de modo a produzir o menos mal possível³¹.

³⁰ O Baurú, anno XLIV, nº 551, 19/05/1918, p.1.

³¹ O Baurú, anno XLIV, nº 573, 27/10/1918, p.2.

Imagem 01 – Notícia relatando o primeiro caso de Gripe Espanhola em Bauru.



Fonte: (O Baurú, 1918)

Após o aparecimento do primeiro caso na cidade a doença foi se alastrando e em 03 de novembro iniciaram-se as restrições na cidade, a seção A Hespanhola expõe:

O sr. dr. prefeito municipal, de acordo com o sr. dr. delegado de polícia, como medida preventiva resolveu proibir a venda de gelados e sorvetes; fazer com que os bilhares, botequins, confeitarias e bars, fechem as suas portas às 9 horas da noite, e proibiu hontem as visitas ao Cemitério Municipal³².

³² O Baurú, anno XLIV, nº 574, 03/11/1918, p.2.

Imagem 02 – Notícia sobre o início das restrições em Bauru.



Fonte: (O Baurú, 1918)

Nota-se que o jornal possuía um discurso apaziguador, uma vez que os comunicados acerca da gripe eram breves e, muitas vezes, pouco informativos. No dia 01 de dezembro na seção A “Hespanhola” da ênfase aos poucos casos de infectados em relação às demais cidades do estado:

Como em todas as partes da terrível epidemia alastrou-se também em Baurú, porém de um modo simplesmente fraco. Até hontem os atacados chegaram á cerca de 170, inclusive os primeiros que estão completamente restabelecidos e já trabalhando, um grande número..., e cerca de cinquenta e poucos em tratamento. Por este desenvolvimento da moléstia no prazo de quasi 22 dias, nota se que o estado sanitário de Baurú é quasi o melhor do interior do Estado, tendo-se em consideração que esta cidade é o maior centro ferro-viário do Estado³³.

³³ O Baurú, anno XLIV, nº 578, 01/12/1918, p.2.

Imagem 03 – Notícia a respeito do número de vítimas da Gripe Espanhola em Baurú.



Fonte: (O Baurú, 1918)

Sendo assim, a partir da análise dos periódicos, é possível perceber como a Gripe Espanhola foi um mal que alterou profundamente diversos setores da sociedade.

O fechamento de diversos estabelecimentos transformou o cotidiano de todos, o impedimento do sepultamento de amigos e parentes falecidos em decorrência dos fechamentos dos cemitérios não permitia o luto adequado, o desconhecimento da doença, a desesperança de cura e o próprio medo da morte foram alguns dos motivos que permearam o pânico e terror durante a vigência da “mãe das pandemias”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções de medo e morte transformam-se junto com a sociedade e o ser humano. Na modernidade há a necessidade de distanciar a morte, apesar de fazer parte natureza. Em momentos de crise sanitária o medo e a morte estão tão presentes que a população se encontra aterrorizada e angustiada.

Durante a análise das fontes percebeu-se a influência e as diferenças dos acontecimentos nos conceitos de medo e morte, como apresentados nos casos de erradicação da varíola no Rio de Janeiro durante o ano de 1904 e alastramento da

gripe espanhola no ano de 1918.

Deste modo, a partir do estudo das fontes foi identificado que o medo provinha obrigatoriedade da vacina e sua “terrível” aplicação, além das insatisfações da população menos abastada, uma vez que ficou completamente desassistida na nova política.

Em contraposição a varíola, os temores durante o ano de 1918 procediam da doença em si, do desconhecido e incurável mal. Diante de tantos enfermos e mortes, o medo e a desesperança tomou conta do país, a estratégia mais utilizada era fornecer auxílio e recomendações para se evitar a doença.

6. FONTES

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 05 de mar. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040305-9226-nac-0001-999-1-not>, acesso em 04 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 23 de jun. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040623-9335-nac-0001-999-1-not>, acesso em 06 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 28 de jun. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040623-9335-nac-0001-999-1-not>, acesso em 06 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 02 de jul. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040702-9344-nac-0001-999-1-not>, acesso em 10 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 02 de ago. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040802-9375-nac-0001-999-1-not>, acesso em 12 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 12 de ago. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040812-9385-nac-0001-999-1-not>, acesso em 13 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 15 de ago. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19040815-9388-nac-0001-999-1-not>, acesso em 13 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 31 de out. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19041031-9465-nac-0001-999-1-not>, acesso em 22 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 01 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19041101-9466-nac-0001-999-1-not>, acesso em 22 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 06 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19041106-9471-nac-0001-999-1-not>, acesso em 22 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 09 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19041109-9474-nac-0001-999-1-not>, acesso em 27 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 10 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19041110-9475-nac-0001-999-1-not>, acesso em 27 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 11 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19041111-9476-nac-0001-999-1-not>, acesso em 27 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 13 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19041113-9478-nac-0001-999-1-not>, acesso em 27 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 14 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19041114-9479-nac-0001-999-1-not>, acesso em 27 de dez. de 2020.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 15 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19041115-9480-nac-0001-999-1-not>, acesso em 03 de jan. de 2021.

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 16 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19041116-9481-nac-0001-999-1-not>, acesso em 03 de jan. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 18 de nov. 1904, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19041118-9483-nac-0001-999-1-not>, acesso em 03 de jan. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 23 de set. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19180923-14513-nac-0001-999-1-not>, acesso em 01 de fev. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 27 de set. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19180927-14517-nac-0001-999-1-not>, acesso em 03 de fev. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 02 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181002-14522-nac-0004-999-4-not>, acesso em 05 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 11 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181011-14531-nac-0005-999-5-not>, acesso em 07 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 13 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181013-14533-nac-0005-999-5-not>, acesso em 07 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 15 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181015-14535-nac-0005-999-5-not>, acesso em 07 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 17 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181017-14537-nac-0004-999-4-not>, acesso em 09 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 18 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181018-14538-nac-0004-999-4-not>, acesso em 09 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 19 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina#!/19181019-14539-nac-0004-999-4-not>,

acesso em 15 de abr. de 2021

ACERVO.ESTADÃO.com, **O Estadão**, Acervo de 27 de out. 1918, disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19181027-14547-nac-0004-999-4-not>, acesso em 30 de abr. de 2021

A GRIPE ENTRE NÓS; A Hespanhola. **O Baurú**, Bauru, Nº 573, 27 out. 1918. p. 2.

A HESPANHOLA. **O Baurú**, Bauru, Nº 574, 03 nov. 1918. p.2.

A HESPANHOLA. **O Baurú**, Bauru, Nº 578, 1 dez. 1918. p. 2.

OS NOSSOS CONTERENEOS. **O Baurú**, Bauru, Nº 551, 19 maio. 1918. p. 1.

7. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Adriana et al. A gripe de longe e de perto: comparações entre as pandemias de 1918 e 2009. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 1065-1113, Dec. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000400014&pt=en&nrm=iso. Acessado em 03 Mar de 2020. Epub Nov 06, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009005000001>

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. 1. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BATISTA, A. M. *Revolta da vacina. Fórum de história do Brasil Republicano*. Vila Velha, 2015.

BERTUCCI, L. M.. A onipresença do medo na influenza de 1918. **Varia hist.** Belo Horizonte , v. 25, n. 42, p. 457-475, Dec. 2009.

BITTENCOUT, R. N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Espaço Acadêmico**, n. 221, p. 178, 2020

BUENO, E. O INÍCIO DA CRUZADA DE OSWALDO CRUZ - EDUARDO BUENO. 2020. YOUTUBE. (23m49s). Disponível em: <https://regrasparatcc.com.br/formatacao/referenciar-video-do-youtube-no-tcc/>

CARVALHO, J. M. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, C.A.; PINHO, GARCIA, P.T. **Epidemiologia: conceitos e aplicabilidade no Sistema Único de Saúde**. Maranhão: Editora EDUFMA, 2017.

CUNHA, A. S. Finitude Humana: A perplexidade do homem diante da morte. **5º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp**, v. 3, n. 1, p. 183-194, 2010.

DE LUCA, T. R. et al. Fontes Impressas – História dos, nos e pro meio dos periódicos. In: *Fonte Históricas*. São Paulo: Contexto, páginas 11 à 153.

DELUMEAU, J.. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FIOCRUZ. A Revolta da Vacina. Agência FIOCRUZ de notícias. 2005, disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2>, acesso em: 10/02/2021.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. 127 p. Apostila.

GUILHERME, C. A. S. A. A imprensa como partido político-ideológico: o caso do jornal *O Estado de S. Paulo*. **Dimensões**, v.40, p. 199-223, jan.-jun. 2018.

LEITE, C. H. F. Teoria, Metodologia e Possibilidades: Os jornais como fontes e objeto de pesquisa histórica, *Escritas, Tocantins*, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015.

MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MARTINS, F. A. V. **O homem, a morte e o tempo**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Campina Grande, 2013.

PALLOTTA, F. P. **A ferrovia e o automóvel: ícones da modernidade na cidade de Bauru (1917-1939)**. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP. 142 p. 2008.

PINSKY, C.B; DE LUCA, T.R. **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PONTES, J. A. V.. O Estado de São Paulo, Disponível em: <https://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm>. Acesso em: 03 de nov. De 2020.

SANTOS, R. A. DOS.: O Carnaval, a peste e a ‘espanhola’. **Hist. Cienc. Saude-Manguinhos**, v. 13, n. 1, p. 129-158, jan.-mar. 2006.

SCHWARCZ, L. M; STARLING, H. M. **A Bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SEMINÁRIO NACIONAL DO GT HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: PATRIMÔNIO, DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., 2019, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019. 225-249 p. v. 3. Tema: Coleção História do Tempo Presente.

SEVCENKO, N. **A Revolta da Vacina: Mentres Insanas em Corpos Rebeldes**, São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, N. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, v. 3, 1998.

SONDHAUS, L. **A primeira guerra mundial: história completa**, 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

UJVARI, S.C. **A história da humanidade contada pelos vírus**. 2. ed. São Paulo:

